

ANAIS

V FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTE

Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006-2007

O VÓRTICE ENTÓPTICO: ESTADOS NÃO ORDINÁRIOS DE CONSCIÊNCIA E FENÔMENOS VISUAIS

*José Eliézer Mikosz**
email: jem@jem.com.br

Resumo: *O presente artigo trata de modo muito sucinto dos fenômenos visuais relacionados a Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC). Como exemplo usaremos o vórtice, algumas formas espirais, círculos e seus ícones na forma de serpente, que são representados artisticamente em diversas culturas, mostrando a universalidade desses elementos visuais nas experiências e suas possíveis relações com o desenvolvimento de arquétipos, mitos e religiões.*

Palavras-chave: *Estados não ordinários de consciência; Vórtices entópticos.*

INTRODUÇÃO

*Estados não ordinários de consciência*¹ são os que podem ser observados em pelo menos seis situações distintas:

- nas pessoas que possuem estados particulares mentais adquiridos ou herdados como psicoses e esquizofrenias;
- em certas práticas místico-religiosas como longas meditações, jejuns, técnicas respiratórias, audição de músicas específicas, batidas rítmicas de

* Artista Plástico e Professor de Artes Visuais Tradicionais e Digitais. *EMBAP* – Professor de Desenho de Observação. *URCI (Universidade Rose Croix Internacional)* – Coordenador de Pesquisas em Artes Visuais. *UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina)* – Doutorando do DICH (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), linha de pesquisa Arte: Imaginário & Simbólico. Co-editor das publicações do doutorado.

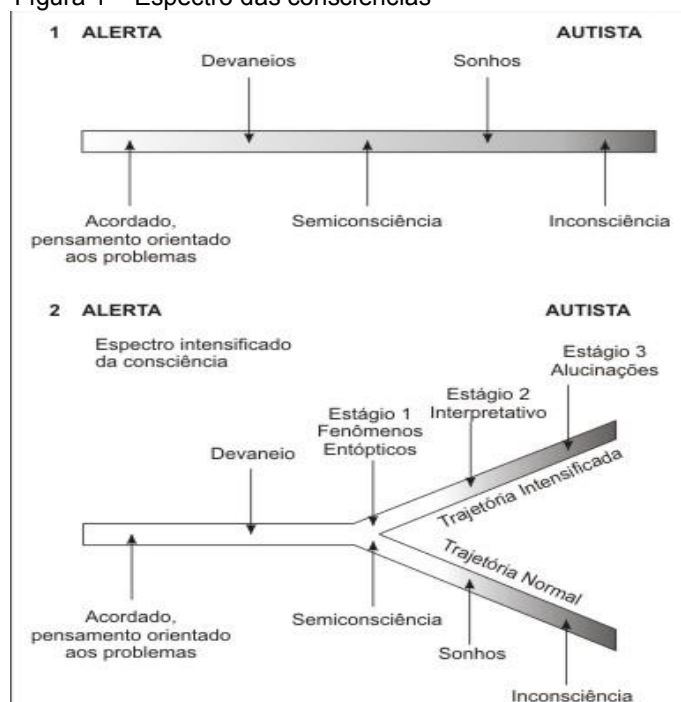
¹ Consciência: vista aqui como a capacidade de olhar o mundo de uma certa distância, possibilitando avaliar, refletir e selecionar entre diversos estados potenciais de ação, criando níveis mais altos de conhecimento e integração com o mundo.

tambores, danças como as dos Sufis e Derviches, rodopios e movimentos corporais específicos;

- em experiências extremas como acidentes, sustos, proximidade com a morte, situações de emergência em geral, ou mesmo situações positivas de intensa alegria, amor, recompensa e reconhecimento, atos de abnegação e heroísmo etc.;
- similar em alguns pontos ao item superior, experiências de privação dos sentidos como ficar em um quarto escuro e isolado acusticamente, provocando em questão de horas algumas alucinações;
- experiências espontâneas ou, pelo menos, sem razão aparente;
- em pessoas sob efeito de psicoativos como psilocibina, DMT (*N,N-dimetiltriptamina*), LSD, *Ecstasy*, THC (*cannabis*), entre outros.

Os seres humanos não são iguais quanto ao metabolismo, herança genética e tampouco são iguais em relação à percepção, inteligência ou grau de consciência. Apesar disso, o grau de “normalidade” pode ser estabelecido por parâmetros em que é possível perceber quando há um desvio da trajetória normal em direção à trajetória intensificada da consciência. A Figura 1 mostra o espectro das consciências normal e intensificada:

Figura 1 – Espectro das consciências



Fonte: Williams 2004, p. 125. Tradução livre do autor.

A *trajetória normal* vai do estado desperto ao inconsciente, passando antes pelo estado de devaneio e de semiconsciência. No estado semiconsciente, apesar de passar despercebido pela maioria das pessoas, algumas sensações podem ocorrer como pressão no peito, dificuldade de respirar, sensações auditivas como vozes ou campainhas, medo, sensações visuais de luzes e de pessoas ou sombras caminhando pelo quarto. É comum ocorrer sensação de queda, normalmente com uma contração física forte que leva o indivíduo a acordar.

A *trajetória intensificada* se inicia por um desvio no estado semiconsciente para os fenômenos entópticos,² sendo este considerado o *Estágio 1* do ENOC. Comparando com a *trajetória normal*, nos estágios avançados da *trajetória intensificada*, o indivíduo não está propriamente adormecido. Aqui é comum ocorrer visualização de figuras e padrões geométricos como pontos, grades, zigzags, e linhas sinuosas. Essas experiências ocorrem independente do contexto cultural do indivíduo, estando mais associadas à constituição do sistema nervoso humano que a cultura.

No *Estágio 2*, interpretativo, o indivíduo procura dar sentido aos fenômenos entópticos, elaborando-os em formas icônicas que lhe sejam similares no seu dia-a-dia, ou seja, o que é observado é associado com elementos presentes no repertório da memória do indivíduo.

Ao chegar no *Estágio 3*, mudanças marcantes ocorrem. É nesse ponto que alguns indivíduos relatam experiências com vórtice em espiral ou como um túnel giratório que parece cercá-los e atraí-los para seu fundo. O indivíduo fica cada vez mais desligado do mundo exterior e imerge mais na experiência. Este estágio é muito similar ao dos sonhos. O vórtice como fenômeno entóptico é sobreposto por alucinações icônicas:

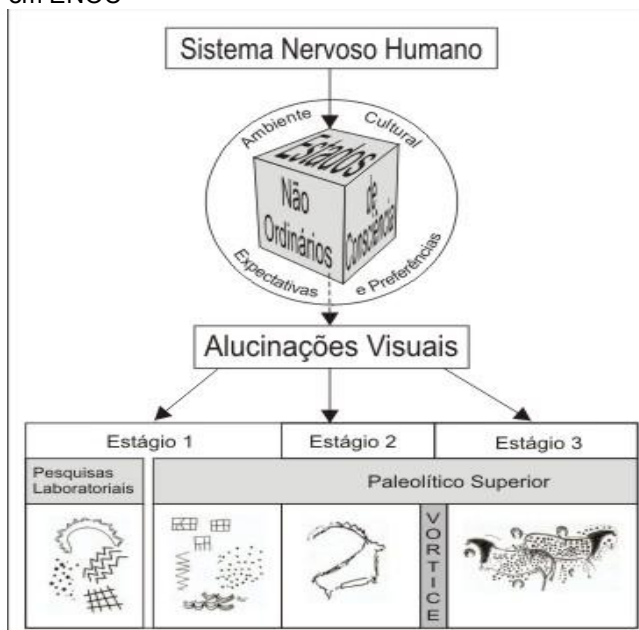
*among 58 reports of eight kinds of hallucinations, this sort of tunnel was the most common. Westerners use culture-specific words like 'funnels, alleys, cones, vessels, pit [and] corridors' to describe the vortex. In other cultures, it is often experienced as entering a hole in the ground. Shamans typically speak of reaching the spirit world via such a hole.*³

² Significa fenômenos visuais que ocorrem entre o olho e o córtex, independente do mundo exterior, porém passíveis de projeção nele. São diferentes dos fenômenos entoftálmicos como os fosfênios.

³ ...entre 58 de oito tipos de alucinações relatadas, as de túnel eram as mais comuns. Palavras típicas da cultura ocidental como funis, becos, cones, recipientes, poços e corredores, eram usadas para

O vórtice, dependendo da cultura, estado emocional e do repertório dos indivíduos, pode aparecer de diversas formas, como funis, becos, cones, recipientes, corredores, buracos no solo (poços) ou túneis, sendo considerado muitas vezes pelos xamãs de algumas culturas como uma espécie de porta de comunicação com o mundo espiritual. O túnel é muitas vezes associado ao nascimento ou a impressões pré-morte, geralmente com uma fonte luminosa ao fundo.

Figura 2 - Modelo neuropsicológico de como o sistema nervoso humano é modelado pelas circunstâncias culturais em indivíduos em ENOC



Fonte: WILLIAMS 2004, p. 128 – tradução livre do autor.

Devemos lembrar que o vórtice e as espirais são elementos presentes em vários fenômenos naturais como ciclones, correntezas, a água que escorre por um orifício, em animais como os caracóis, em diversas plantas, em algumas formações de nuvens e mesmo no encontro de pequenas massas de ar que, ao se encontrarem, circulam levantando poeira nas encruzilhadas ou esquinas etc. Elementos tão presentes devem causar forte impressão no imaginário humano. Os

descrever o vórtice. Em outras culturas, é experienciado freqüentemente adentrar por um buraco na terra. Xamãs falam de entrar em contato com o mundo espiritual através de tal buraco. (WILLIAMS, David Lewis. *The Mind in the Cave: Consciousness and the Origins of Art*. Thames & Hudson, 2004. p. 126) (tradução livre do autor).

vórtices e as espirais também estão presentes na forma das galáxias, do movimento dos planetas e de partículas atômicas, da forma do DNA, entre outros.

Figura 3 – Geoff Blundell e David Lewis-Williams reproduzindo uma das paredes das montanhas Drakensberg no Rock Art Institute da Univesidade de Witwatersrand em Johannesburg.



Fonte: <<http://www.nationalgeographic.com/ngm/0102/feature7/zoom6.html>>.

Como exemplo do *Estágio 1* em outra cultura, podemos mostrar as tapeçarias e cerâmicas dos índios Shipibo no Peru. Os padrões estampados são tentativas de reproduzir as visões entópticas ocorridas nos efeitos da Ayahuasca.⁴

Figura 4 – Padrões da cerâmica e da tapeçaria dos índios Shipibo



Fonte: <<http://www.biopark.org/peru/shipibo.html>>.

⁴ Bebida de procedência amazônica com propriedades psicoativas. Na língua quíchua ayahuasca significa “corda dos espíritos” ou “corda dos mortos” e ainda como “cipó (liana) dos espíritos ou dos mortos”, “vinho (liana ou cipó) da morte” ou “vinho (liana ou cipó) do espírito (ou da alma)”. (LUNA, Luis Eduardo (Org.) *América Indígena*, Instituto Indigenista Interamericano, México, v. 46, jan.-mar. 1986. p. 73-74). A Ayahuasca, assim como outros psicoativos como a psilocibina, a mescalina, são considerados enteógenos, ou seja, capazes de gerar experiências internas de natureza divina ou espiritual.

O ÍCONE DA SERPENTE

a serpente é um vertebrado que encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso.⁵

Embora sejam definidos como 'imagens primordiais', podemos considerar os arquétipos como “formas vazias” que são ocupadas pelos conteúdos de cada cultura. Todos esses elementos, visuais ou não, são simbólicos. O vórtice, a espiral ou o círculo, são elementos que se percebem como imagem, mas não como imagem dos sentidos. Para que possamos compreendê-los temos que lhes dar uma forma imagética sensitiva seja através de desenhos, de pinturas, filmes etc., que aí sim, passam pela cultura adquirindo as características dela.

Nas experiências com Ayahuasca, psicoativo vegetal procedente da floresta amazônica, são comuns as visualizações de serpentes.⁶

Traditionally, Ayahuasca is closely linked to serpents (see Dokkin de Rios, 1973; Harner, 1973c; Luna and Amaringo, 1993; and Lagrou, 1998). Serpents are also extremely common both in my own visions and in those of my informants.⁷

Podemos inferir, entretanto, que a “forma vazia” foi preenchida com uma imagem conhecida, a da serpente, que é bastante comum tanto na floresta como nas mais diversas regiões do mundo. A imagem da serpente aparece em diversas culturas como símbolo do uroboros, a cobra de forma circular que morde a própria cauda. Segundo Neumann:

Podemos remontar a uroboros ao Apocalipse de São João, aos gnósticos e aos sincretistas romanos; há desenhos dela

⁵ Ver: JUNG, Carl Gustav. *Mandala Symbolism*. Princeton: Princeton University Press, 1973; e _____. *O Homem e seus Símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

⁶ METZNER, Ralph et al. *Human Consciousness and the Spirits of Nature*. New York: Thunder's Mouth Press, 1999; e SHANON, Benny. *The Antipodes of The Mind – Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

⁷ Tradicionalmente, Ayahuasca é muito ligada às serpentes (veja Dokkin de Rios, 1973; Harner, 1973c; Luna e Amaringo, 1993; e Lagrou, 1998). As serpentes são também extremamente comuns em minhas próprias visões e naquelas de meus entrevistados (SHANON, 2002. Op. cit., p. 118). (tradução livre do autor).

nas pinturas em areia dos índios navajos e em Giotto; vemo-la no Egito, na África, na Índia, entre as ciganas, como amuleto, em textos alquímicos.⁸

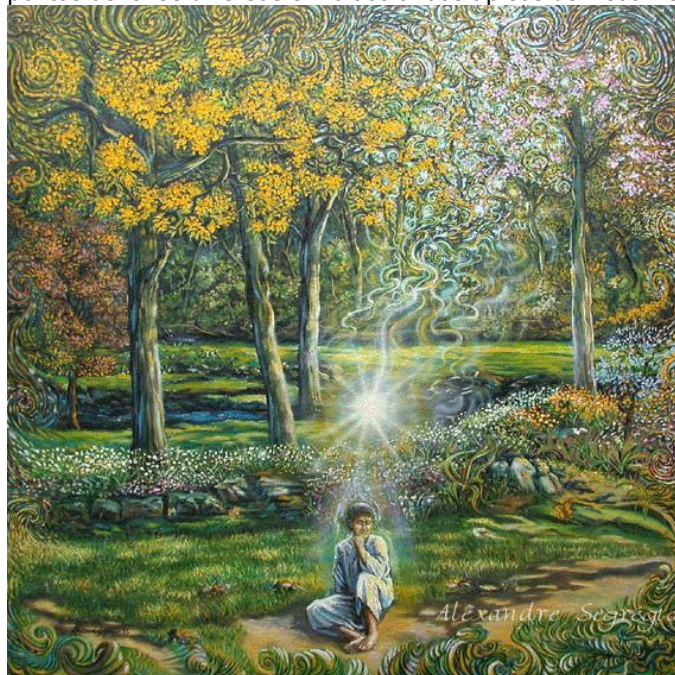
Naturalmente, em uma cultura que jamais avistou uma cobra, essa forma vazia do arquétipo poderia assumir a forma de um peixe, um lagarto ou algum animal mítico como um dragão. Transcrevemos abaixo o conteúdo completo do verbete espiral do *Dicionário de Símbolos* de autoria de Cirlot, a fim de evidenciar a complexidade de associações que essa forma sugere, inclusive a serpente:

Forma esquemática da evolução do universo. Forma clássica com a qual se simboliza a órbita da Lua (50). Forma de crescimento, relacionada ao número de ouro (32), devida, segundo Housay, ao movimento de rotação da Terra. No sistema hieroglífico egípcio, este signo, que corresponde ao *vau* hebraico, designa as formas cósmicas em movimento; a relação entre a unidade e a multiplicidade. Relaciona-se particularmente com os laços e as serpentes. Esse símbolo é essencialmente macrocósmico (19). Em forma mítica, estas idéias se expressam pelas seguintes palavras: “Do seio do abismo insondável surgiu um círculo formado por espirais... Enroscada em seu interior, seguindo a forma dos espirais, jaz uma serpente, emblema da sabedoria e da eternidade” (9). Pois bem, podemos encontrar a espiral em três formas principais: crescente (como na nebulosa), decrescente (redemoinho) ou petrificada (concha ou caracol). No primeiro aspecto é símbolo ativo e solar; nos outros dois, negativo e lunar (17). Contudo, a maioria dos tratadistas, entre eles Eliade, concorda que o simbolismo da espiral é bastante complexo e de origem incerta. Provisoriamente, admite-se sua relação com os animais lunares e com as águas (18). As antigas tradições já distinguem entre a espiral criadora (que se representava dextrogira, atributo de Palas Atena) e a destruidora ou torvelinho (para a esquerda, atributo de Poseidon) (51). Como vimos, a espiral pode ser também um símbolo do centro potencial (serpente e força *kundalini* do tantrismo), como na teia de aranha. Seja como for, a espiral é um dos temas essenciais da arte simbólica (ornamental) universal, quer em sua forma simples de curva crescendo em torno de um ponto, quer em forma de enrolamentos, sigmas etc. Parkin diz em *Prehistoric Art* que “nenhum motivo ornamental parece haver tido mais atrativos que a espiral”. Ortiz (41) considera-a semanticamente como emblema dos

⁸ NEUMANN, Erich . *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 29.

fenômenos atmosféricos, particularmente do furacão, mas ocorre que o furacão, por sua vez, simboliza o desatar das funções criadoras (e destruidoras) do universo, a suspensão da ordem provisória e pacífica. Este autor também assinala a conexão do vento com o hálito vital e o poder criador. A voluta, forma espiral, simbolizou nas culturas antigas, segundo ele, o alento e o espírito. Por isto o deus egípcio *Tote* aparece representado com uma grande espiral sobre a cabeça. Também por seu sentido de criação, movimento e desenvolvimento progressivo, a espiral é atributo de poder, que se encontra no cetro do faraó egípcio, no *lituus* dos áugures romanos e no báculo atual. A espiral está associada à idéia de dança, sendo muitos bailados primitivos de caráter mágico que evoluem seguindo uma linha espiral. Tanto esta forma dançada, como a que aparece com muitíssima freqüência na arte desde o período neolítico, sobretudo no ornamentalismo celta da França, Irlanda e Inglaterra, são consideradas figuras destinadas a provocar o êxtase e a facilitar uma evasão do mundo terrestre para penetrar além. Julgada deste ângulo, a espiral é a tentativa de conciliar a “roda das transformações” com o centro místico e o “motor imóvel”, ou ao menos constitui um convite a esta penetração no interior do universo, em sua intimidade.⁹

Figura 5 – Obra do pintor brasileiro Alexandre Segrégio. Observam-se os espirais, pontos de luzes diversos e multicoloridos típicos de visualizações ENOC.



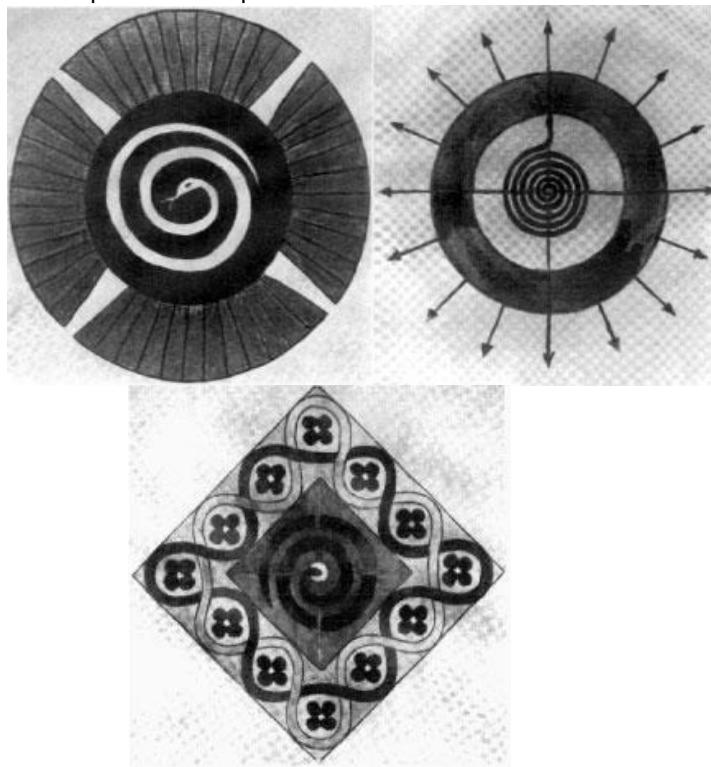
⁹ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 241.

Figura 6 – Espíritos baixando em um xamã especial chamado de “Banco” através de uma espiral espiritual. Aos lados algumas serpentes representadas. Pintura do peruano Pablo Amaringo.



Fonte: AMARINGO; Luna, 1999, p. 68.

Figura 7 – Três mandalas criadas por pacientes de Carl Gustav Jung com serpentes em espiral.



Fonte: JUNG, 1973. Figuras 16, 17 e 18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre *Estados Não Ordinários de Consciência* cresceu nos anos 1940 com a descoberta do LSD em 1943 por Albert Hoffman. Vários cientistas e autores se debruçaram sobre o assunto como Aldous Huxley, Timothy Leary, Stanislav Groff, Robert Wasson, entre tantos outros. Na década de 1968 o LSD, até então fabricado livremente pelo laboratório Sandoz, estava proibido, se tornou crime e as verbas para pesquisas foram extintas.

Porém, cientistas como Charles Grobb, da Divisão de Psiquiatria da Criança e do Adolescente da Universidade da Califórnia, Dennis McKenna, diretor do Botanical Dimensions, pesquisador de plantas psicoativas amazônicas, Jace Callaway, estudioso em Farmacologia e Toxicologia da Universidade de Kuopio na Finlândia e o psiquiatra Rick Strassman, um dos maiores estudiosos em DMT atualmente no mundo, continuaram suas pesquisas derrubando alguns mitos negativos e esclarecendo muito sobre os psicoativos e suas conseqüências, perigos e benefícios. Williams comenta:

It implies that there is 'ordinary consciousness' that is considered genuine and good, and then perverted, or 'altered', states. But we have seen, all parts of the spectrum are equally 'genuine'. The phrase 'altered states of consciousness' is usefull enought, but we need to remember that it carries a lot of cultural baggage.¹⁰

Os estados ordinários de consciência, dentro dos padrões ditos “normais”, são considerados genuínos e bons, enquanto os estados não ordinários da consciência como pervertidos ou “alterados”. Para Williams e diversos pesquisadores, ambos estados são genuínos.

Os estudo de ENOC ajudam a formar uma idéia melhor da constituição de nossos “circuitos cerebrais”, suas conexões e respostas eletroquímicas. Não como forma reducionista, mas “adicionista” ao conhecimento atual. Não se trata de

¹⁰ implica que há a 'consciência ordinária' é considerada genuína e boa, então é pervertida ou tem seu estado 'alterado'. Mas nós vimos, em todas as partes do espectro, que são igualmente 'genuínos'. A frase 'estados alterados da consciência' são suficientemente úteis, mas nós precisamos lembrar que carrega muito da nossa bagagem cultural (WILLIAMS, 2004. Op. cit., p. 125) (tradução livre do autor).

derrubar teorias válidas, mas de muitas vezes corroborá-las como o próprio Freud previa no passado, imaginando que suas teorias precisavam também de uma base biológica. Huxley, em seu livro *As Portas da Percepção* de 1954 comenta que o cérebro tem uma função reducionista da percepção, funciona como um filtro para a realidade, os ENOC são, portanto, algumas portas para compreender mais sobre a natureza do ser humano.

É bom esclarecer que, em nenhum momento este trabalho faz apologia a qualquer tipo de droga, o interesse de pesquisa está relacionado única e exclusivamente a fatos relacionados aos *estados não ordinários da consciência* como fenômeno científico digno das pesquisas mais sérias e sem preconceitos injustificados. A Ayahuasca, citada algumas vezes no texto, por exemplo, é um psicoativo que foi liberado pelo CONAD no Brasil para usos ritualísticos após intensas pesquisas nacionais e internacionais que não encontraram nela nenhum sinal prejudicial para a saúde humana, não recebendo portanto o pejorativo de “droga”. Da mesma forma os EUA liberou a Ayahuasca para uso religioso no início de 2006, onde já era liberado o uso de Peyote para a *American Native Church* que usa esse cacto em seu rituais. O Peyote contém o psicoativo mescalina, citado nos livros de Carlos Castañeda (Mescalito) e nas experiências de Aldous Huxley.

Os trabalhos artísticos e os *estados alterados de consciência* servem como uma forma válida e importante de pesquisa. Não foram enfocados aqui conceitos profundos da grande arte, o trabalho não pretende fazer uma crítica estética, busca nas representações visuais algumas evidências do ENOC e neles uma maior compreensão do fenômeno humano, da formação de alguns de seus mitos, de suas religiões que, de maneira geral, sempre se valeram desses objetos artísticos para se comunicar.

REFERÊNCIAS

- AMARINGO, Pablo; LUNA, Luis Eduardo. *Ayahuasca Visions*. Berkeley: North Atlantic Books, 1999.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- LUNA, Luis Eduardo (Org.) *América Indígena*, Instituto Indigenista Interamericano, México, v. 46, jan.-mar. 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *Mandala Symbolism*. Princeton: Princeton University Press, 1973.
- _____. *O Homem e seus Símbolos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

METZNER, Ralph et al. *Human Consciousness and the Spirits of Nature*. New York: Thunder's Mouth Press, 1999.

NEUMANN, Erich . *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHANON, Benny. *The Antipodes of The Mind – Charting the Phenomenology of the Ayahuasca Experience*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WILLIAMS, David Lewis. *The Mind in the Cave: Consciousness and the Origins of Art*. Thames & Hudson, 2004.